

zidos imediatamente para as zonas obscuras do Umbral. Por aqui não se equilibram, nem mesmo no Ministério da Regeneração, enquanto perseveram em semelhante estado dalmá.

Não pude deixar de sorrir, continuando a observar os primeiros da arte fotográfica, nas páginas sob meus olhos.

Em seguida, chamou-me Lírias para ver algumas dependências da casa, demorando-me na Sala do Banho, cujas instalações interessantes maravilharam-me. Tudo simples, mas confortável.

Não voltara a mim da admiração que me empolgava, quando a senhora Laura convidou á oração.

Sentamo-nos silenciosos em torno da grande mesa.

Ligado um grande aparelho, fez-se música suave. Era o louvor do momento crepuscular. Surgiu, ao fundo, o mesmo quadro prodigioso da Governadoria, que nunca me cansava de contemplar todas as tardes, no parque hospitalar. Naquele momento, porém, sentia-me dominado de profunda e misteriosa alegria. E vendo o coração azul desenhado ao longe, senti que minha alma se ajoelhava no templo interior, em sublimes transportes de jubilo e reconhecimento.

## XVIII

### AMOR, ALIMENTO DAS ALMAS

Terminada a oração, chamou-nos á mesa a dona da casa, servindo caldo reconstituinte e frutas perfumadas, que mais pareciam concentrados de fluidos deliciosos. Eminentemente surpreendido, ouvi a senhora Laura observar com graça:

— Afinal, nossas refeições aqui são muito mais agradáveis que na Terra. Ha residencias, em "Nosso Lar", que as dispensam quase por completo; mas, nas zonas do Ministério do Auxílio, não podemos prescindir dos concentrados fluidicos, tendo em vista os serviços pesados que as circunstancias impõem. Dispensemos grande quantidade de energias. E' necessário renovar provisões de força.

— Isso, porém — ponderou uma das jovens — não quer dizer que sómente nós, os funcionários do Auxílio e da Regeneração, vivamos a depender de alimentos. Todos os Ministerios, inclusive o da União Divina, não os dispensam, diferindo apenas a feição substancial. Na Comunicação e no Escclarecimento ha enorme desperdício de frutos. Na Elevação o consumo de sucos e concentrados não é reduzido e, na União Divina, os fenómenos de alimentação atingem o inimaginável.

Meu olhar indagador ia de Lírias para a senhora Laura, ansioso de explicações imediatas. Sorriram todos da minha natural perplexidade, mas a mãe de Lírias veio ao encontro dos meus desejos, explicando:

— Nossa irmão talvez ainda ignore que o maior sustentáculo das criaturas é justamente o amor. De quando a quando, recebemos em "Nosso Lar" grandes comissões de instrutores, que ministram ensinamentos relativos à nutrição espiritual. Todo o sistema de alimentação, nas variadas esferas da vida, tem no amor a base profunda. O alimento físico, mesmo aqui, propriamente considerado, é simples problema de materialidade transitória, como no caso dos veículos terrestres, necessitados de colaboração da graxa e do óleo. A alma, em si, apenas se nutre de amor. Quanto mais nos elevarmos no plano evolutivo da Criação, mais extensamente conheceremos essa verdade. Não lhe parece que o amor divino seja o círculo do universo?

Tais elucidações confortavam-me sobremaneira. Percebendo-me a satisfação íntima, Lísias interveio, acen-tuando:

— Tudo se equilibra no amor infinito de Deus, e, quanto mais evoluído o ser criado, mais sutil o processo de alimentação. O verme, no sub-solo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O grande animal colhe na planta os elementos de manutenção, a exemplo da criança sugando o seio materno. O homem colhe o fruto do vegetal, transforma-o segundo a exigência do paladar que lhe é próprio, e serve-se dele à mesa do lar. Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias suculentas, tendentes à condição fluidica, e o processo será cada vez mais delicado, à medida que se intensifique a ascenção individual.

— Não esqueçamos, todavia, a questão dos veículos — acrescentou a senhora Laura — porque, no fundo, o verme, o animal, o homem e nós, dependemos absolutamente do amor. Todos nos movemos nele e sem ele não teríamos existência.

— É extraordinário! — aduzi comovido.

— Não se lembra do ensino evangélico do "amai-vos uns aos outros"? — prosseguiu a mãe de Lísias atenciosa — Jesus não preceituou esses princípios objetivando tão sómente os casos de caridade, nos quais todos aprenderemos, mais dia menos dia, que a prática do bem

constitui simples dever. Aconselhava-nos, igualmente, a nos alimentarmos uns aos outros, no campo da fraternidade e da simpatia. O homem encarnado saberá, mais tarde, que a conversação amiga, o gesto afetuoso, a bondade recíproca, a confiança mútua, a luz da compreensão, o interesse fraternal — patrimônios que se derivam naturalmente do amor profundo — constituem sólidos alimentos para a vida em si. Reencarnados na Terra, experimentamos grandes limitações; voltando para cá, entretanto, recahemos que toda a estabilidade da alegria é problema de alimentação puramente espiritual. Formam-se lares, vilas, cidades e nações em obediência a imperativos tais.

Recordei instinctivamente as teorias do sexo, largamente divulgadas no mundo; mas, adivinhando-me talvez os pensamentos, a senhora Laura sentenciou:

— E ninguém diga que o fenômeno é simplesmente sexual. O sexo é manifestação sagrada desse amor universal e divino, mas é apenas uma expressão isolada do potencial infinito. Entre os casais mais espiritualizados, o carinho e a confiança, a dedicação e o entendimento mútuos permanecem muito acima da união física, reduzida, entre eles, à realização transitória. A permuta magnética é o fator que estabelece ritmo necessário à manifestação da harmonia. Para que se alimente a ventura, basta a presença, e, às vezes, apenas a compreensão.

Valendo-se da pausa, Judit acrescentou:

— Aprendemos em "Nosso Lar" que a vida terrestre se equilibra no amor, sem que a maior parte dos homens se aperceba. Almas gêmeas, almas irmãs, almas afins, constituem pares e grupos numerosos. Unindo-se umas às outras, amparando-se mutuamente, conseguem equilíbrio no plano de redenção. Quando, porém, faltam companheiros, a criatura menos forte costuma sucumbir a meio da jornada. É preciso muita identificação com a fé sobrehumana para viver o homem, ou a mulher, solitários no mundo.

— Como vê, meu amigo — objetou Lísias contente — ainda aqui é possível relembrar o Evangelho do Cristo. "Nem só de pão vive o homem".

Antes, porém, de se alinharem novas considerações, tiniu a campanha fôrtemente.

Levantou-se o enfermeiro para atender.

Dois rapazes de fino trato entraram na sala.

— Aqui tem — disse Lisias dirigindo-se a mim gentilmente — nossos irmãos Polidoro e Estácio, companheiros de serviço no Ministério do Esclarecimento.

Saudações, abraços, alegria.

Decorridos momentos, a senhora Laura falou sorridente:

— Todos vocês trabalharam muito, hoje. Utilizaram o dia com proveito. Não estraguem o programa afetivo, por nossa causa. Não esqueçam a excursão ao Campo da Música.

Notando a preocupação de Lisias, advertiu a palavra materna:

— Vai, meu filho. Não faças Lascinia esperar tanto. Nossa irmão ficará em minha companhia, até que te possa acompanhar nesses entretenimentos.

— Não se incomode por mim — exclamei instintivamente.

A senhora Laura, porém, esboçou amável sorriso e respondeu:

— Não poderei compartilhar das alegrias do Campo, ainda hoje. Temos em casa minha neta convalescente, que voltou da Terra há poucos dias.

Sairam todos, em meio do júbilo geral. A dona da casa, fechando a porta, voltou-se para mim e explicou sorridente:

— Vão em busca do alimento a que nos referíamos. Os laços afetivos, aqui, são mais belos e mais fortes. O amor, meu amigo, é o pão divino das almas, o pábulo sublime dos corações.

## XIX

### A JOVEM DESENCRNADA

— Sua neto não vem á mesa para as refeições? — perguntei á dona da casa, ensaiando palestra mais íntima.

— Por enquanto, alimenta-se a sós — esclareceu dona Laura — a tolinha continua nervosa, abatida. Aqui, não trazemos á mesa qualquer pessoa que se manifeste perturbada ou desgostosa. A neurastenia e a inquietação emitem fluidos pesados e venenosos, que se misturam automaticamente ás substâncias alimentares. Minha neto demorou-se no Umbral quinze dias, em forte sonolência, assistida por nós. Deveria ingressar nos pavilhões hospitalares, mas, afinal, veio submeter-se aos meus cuidados diretos.

Manifestei desejo de visitar a recém-chegada do planeta. Seria muito interessante ouvi-la. Ha quanto tempo estava sem notícias diretas da existência comum?

A senhora Laura não se fez rogada quando lhe dei a conhecer meu desejo.

Demandamos um quarto confortável e muito amplo. Uma jovem muito pálida repousava em cômoda poltrona. Surpreendeu-se vivamente ao ver-me.

— Este amigo, Eloisa — explicou a progenitora de Lisias, indicando-me — é um irmão nosso que voltou da esfera física, há pouco tempo.

A moça fitou-me curiosa, embora os olhos perdidos nas fundas olheiras traduzissem grande esforço por con-